

ESPECIAL

GUIA DE FUNDOS



Akhtar Soomro/Reuters

Entre a força das ações e a incerteza dos bancos centrais

O mercado de fundos de investimento nacionais viveu um semestre positivo, marcado pelo otimismo nas bolsas acionistas globais. Mas o resto do ano deverá trazer cautela devido a decisões sobre política monetária.

TENDÊNCIA DE MERCADO

Gestores recomendam posição de equilíbrio após semestre forte

Os ganhos substanciais das bolsas levaram a seis meses de bom desempenho nos fundos mobiliários, mas a incerteza sobre políticas monetárias aumenta a atratividade dos produtos multi-ativos.

SHRIKESH LAXMIDAS
E LEONOR MATEUS FERREIRA
slaxmidas@jornaleconomico.pt

A visão dos analistas é consensual: os primeiros seis meses do ano foram positivos para os fundos de investimento, de forma geral; alguns dos riscos principais não se concretizaram e, ao mesmo tempo, os mercados acionistas mostraram um ímpeto que já não se via há alguns anos.

“Foi um período positivo, claramente. A indústria como um todo usufrui do ânimo dos investidores e toda a gente foi tomadora de risco nestes últimos meses, muito impulsionado pelo que viam do lado das ações”, disse Rui Broega, diretor de gestão de ativos do BiG – Banco de Investimento Global.

Os índices em Wall Street têm batido máximos históricos de forma recorrente, animados pelas promessas do presidente Donald Trump sobre estímulos económicos, especialmente o investimento em infra-estruturas, uma reforma fiscal que beneficie as empresas e menos regulação dos mercados financeiros.

As praças europeias foram contagiadas por este ânimo, incluindo a de Lisboa, num período em que a economia da zona euro mostra finalmente sinais de reagir de forma consistente aos estímulos monetários do Banco Central Europeu (BCE) para ultrapassar a crise definitivamente.

Atração pelo risco

O cenário de políticas monetárias acomodáticas, com taxas de juro em níveis historicamente baixos, afastaram os investidores das obrigações, forçando-os a olhar para as *equities* como fonte de retornos atrativos, apesar do risco.

“Temos visto um aumento no apetite por ativos de risco, incluín-

do ações, produtos de *spread*, mercados emergentes e ativos europeus, ao mesmo tempo tem havido um apertar da procura por obrigações soberanas”, explicou Stefan Hofrichter, chefe de economia e estratégia global na Allianz Global Investors (GI).

Susana Vicente, diretora de investidores da GNB Gestão de Ativos (GA), do grupo Novo Banco, afirmou que o início de ano positivo para os ativos de risco foi também influenciado pelo desfecho das eleições francesas. A vitória de Emmanuel Macron, mas principalmente a derrota de Marine Le Pen, veio reduzir a perceção de risco político na Europa.

No mercado português de fundos mobiliário, por exemplo, a 30 de junho, os cinco fundos de ações nacionais tinham uma rentabilidade média anualizada (de um ano) de 25,9%, enquanto no final de 2016, o retorno médio era de -9,53%, segundo dados da Associação Portuguesa de Fundos de Investimento, Pensões e Património (APFIPP).

Num contexto de pouca atratividade de ativos seguros, como obrigações, e simultaneamente de um certo receio sobre a duração do rally nos mercados acionistas, alguns gestores já recomendam os benefícios de fundos mais equilibrados





Apesar deste enquadramento globalmente favorável, há incertezas que ainda pairam, principalmente ao nível da viragem das políticas monetárias nas maiores economias mundiais.

Fator bancos centrais

Na zona euro, o BCE tem estado sob pressão, especialmente vinda da Alemanha, para diminuir os estímulos e começar a reduzir o ritmo de compra de ativos. A instituição liderada por Mario Draghi mantém uma posição de cautela, mas os mercados já perspetivam que os sinais se tornarão mais fortes depois do verão à medida que a retoma solidifique e se torne mais abrangente e a inflação acelere.

Nos EUA, o processo já está em curso, com três aumentos de taxas dos juros de referência efetuados desde dezembro e com a expectativa de mais um ainda este ano. A Reserva Federal norte-americana já anunciou o plano para reduzir a folha de balanço, em mais um passo para se despedir dos estímulos.

“É preciso perceber efetivamente qual o posicionamento dos bancos centrais, do BCE e da Fed. Os bancos centrais detêm dois terços das emissões de dívida do mundo inteiro e isso é muito dinheiro. Dependendo da velocidade a que queiram desalavancar os seus balanços, vai gerar o seu impacto no mercado e no sentimento dos investidores”, salienta Broega.

Os gestores de fundos estão a posicionar-se neste cenário e o diretor de gestão de ativos do BiG admite que é um momento em que não tem “grandes convicções”. “É um tempo de posicionarmos e descorrelacionarmos fatores de risco para ter algum lastro e alguma proteção na eventualidade de haver uma correção destes níveis de volatilidade, que estão em mínimos tão significativos, o que é uma razão para desconfiar”.

Hofrichter, da Allianz GI discorda e argumenta que o mercado não está complacente, mas sublinha que há uma escassez de ativos verdadeiramente seguros. “Realmente, a preferência dos investidores por partes de maior qualidade e mais defensivas do mercado de ações sugere um reconhecimento que há riscos no ambiente atual”.

Nesse contexto de pouca atratividade de ativos seguros, como obrigações, e simultaneamente de um certo receio sobre a duração do *rally* nos mercados acionistas, alguns gestores já recomendam os benefícios de fundos mais equilibrados.

De defensivos a agressivos

Susana Vicente, da GNB GA continua a ver “investidores que valorizam soluções de investimento

mais diversificadas, de multi-ativos, de gestão dinâmica e flexível em função do contexto de mercado e tendencialmente prudentes”.

Esse género de fundos é também destacado por Carlos Pinto Ferreira, diretor de investimentos da IM Gestão de Ativos. “Os fundos multi-ativos têm-se apresentado como uma alternativa de investimento face aos baixos níveis de rendimento das aplicações tradicionais”.

Acrescenta que estes fundos investem em carteiras diversificadas em termos de classes de risco, segmentos de mercado e geografias, procurando oferecer melhores níveis de rentabilidade para diferentes perfis de risco dos investidores.

Em Portugal, os fundos multi-ativos - defensivos, equilibrados ou agressivos - representavam em junho 2.123 milhões de euros ou quase 18% do total de ativos sob gestão, segundo dados da APFIPP.

As rentabilidades deste tipo de fundos vão até aos 6,5% nos defensivos, 14,64% nos equilibrados e 18,89% nos agressivos, dados de junho e em termos anualizados.

Pinto Ferreira destaca ainda os fundos Planos Poupança Reforma (PPR), cujas vendas líquidas atingiram quase 50% do crescimento total em 2017.

“Este comportamento evidencia a maior preocupação dos portugueses com a necessidade de complementar o papel da Segurança Social e a preocupação com o valor esperado para a reforma nas próximas décadas”.

Portugueses continuam conservadores

Rui Broega do BiG salienta que apesar de o semestre ter sido positivo, “se formos analisar com mais finura os dados vemos que muitos dos volumes captados por fundos de investimentos foram em perfis muito conservadores, os chamados fundos de Tesouraria”.

“Os fundos de Tesouraria tiveram *inflows* significativos certamente, o que é uma situação nova, mas que se percebe dado o enquadramento do mercado e a necessidade de não carregar tanto os balanços dos bancos com responsabilidades de clientes”.

O gestor explica que apesar de muitos investidores não quereem perder o *rally* nas ações, o perfil do investidor português permanece conservador, provavelmente por ser um investidor menos informado.

“Todas as instituições financeiras têm essa missão de passar constantemente conhecimento e educar os nossos clientes atuais e potenciais, toda a comunidade, para a importância que é primeiramente poupar, mas depois saber onde aplicar essa poupança”, conclui. ●

RENDIBILIDADE EM ANÁLISE

‘Rally’ nas bolsas fomenta retornos dos fundos nacionais

O otimismo nas bolsas mundiais contagiou os fundos de ações, com reflexos positivos nas rendibilidades dos que investem nas cotadas.

SHRIKESH LAXMIDAS
slaxmidas@jornaleconomico.pt

A retoma económica que afastou o espectro da crise, as taxas em mínimos históricos, as promessas de estímulos nos Estados Unidos e a diminuição do risco político na Europa têm sido os principais ingredientes de um início de ano forte para os índices acionistas mundiais.

O PSI 20 lisboeta não foi exceção, com um disparo de 15,7% entre janeiro e junho, a representar o melhor primeiro semestre desde 2007. Esse desempenho foi espelhado num aumento das rendibilidades dos fundos de investimento mobiliário que apostam em ações portuguesas.

Segundo dados da Associação Portuguesa de Fundos de Investimento, Pensões e Património (APFIPP), a 30 de junho, os cinco fundos de ações nacionais tinham uma rendibilidade média anualizada de 25,9%, com nenhum fundo a oferecer um retorno menor do que 22%. Há seis meses, no final de 2016, o retorno médio era de -9,53%, reflexo de um ano no qual a bolsa de Lisboa tombou quase 12%.

No topo da tabela de rendibilidades está o Santander Ações Portugal com 30,3%, seguido do IMGA Ações Portugal com 27,11% e do BPI Portugal com 24,94%. Os retornos a dois anos são, fruto do fraco desempenho do PSI 20 em 2016, significativamente menores, com o Novo Banco Portugal mesmo em território negativo (-0,37%).

Com o rally global, os fundos dedicados a ações europeias (UE, Suíça e Noruega) também estão a

recompensar os investidores com retornos anualizados entre 16% (IMGA Eurocarteira) e 27,5% (BPI Ibéria) em um ano, enquanto os máximos históricos tocados em Wall Street nos últimos meses permitiram rendibilidades que vão desde 12% (IMGA Ações América) e 17,81% (Caixagest Ações EUA). Os fundos com ações de geografias mais diversificadas também são, na generalidade, rentáveis com re-

tornos dos 10,6% (Caixagest Ações Oriente) aos 22,2% (Montepio Ações Internacionais), mas há um, o BPI Africa, com rendibilidade negativa de 0,96%.

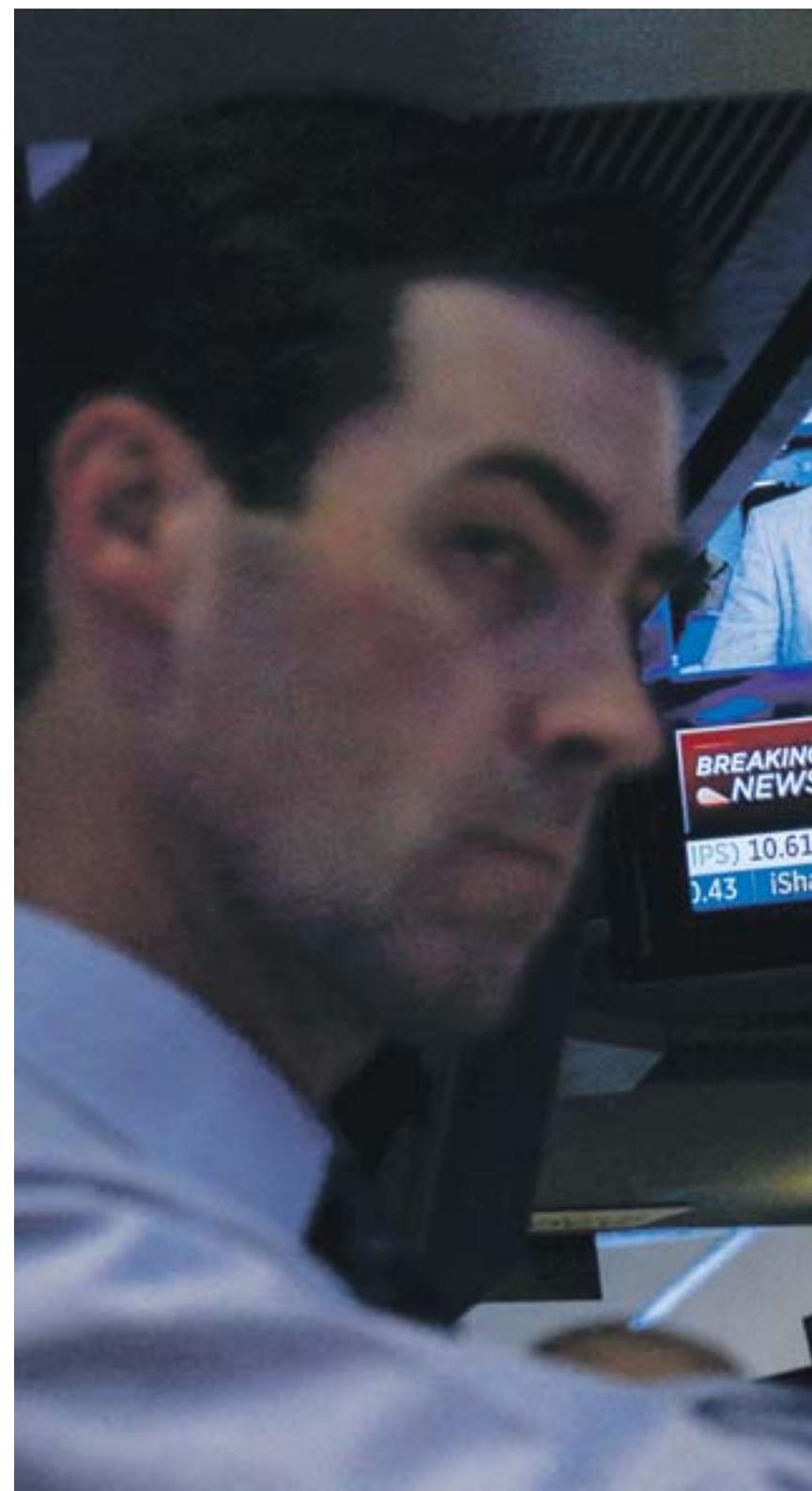
No que se refere a fundos que investem em setores específicos o cenário é mais misto. Três fundos deste género oferecem rendibilidades anualizadas de menos de 10%: o Montepio Euro Healthcare (9,45%) no setor dos serviços de saúde, o Montepio Euro Telcos nas telecomunicações (4,56%) e o Montepio Euro Utilities nas elétricas (5,54%), mas todos eles com desempenhos superiores aos índices setoriais na Europa, nomeadamente do Stoxx 600 Europe.

Segundo dados da Comissão do Mercado de Valores Mobiliários (CMVM), dos 1.209 milhões de euros alocados pelos fundos de investimento portugueses em ações, as cotadas norte-americanas representam a maior fatia (quase 30% ou 362 milhões de euros), com as ações de empresas portuguesas em segundo lugar, com uma quota de 15%, ou 180,6 milhões de euros.

Banca impulsiona fundos

Em destaque estão os fundos focados nas ações do setor financeiro. Castigados durante vários anos pela crise financeira e depois pelas medidas de estímulos para reanimar as economias, especialmente a manutenção de taxas de juro em mínimos de sempre, os bancos nos EUA começaram um recuperação bolsista no segundo trimestre do ano passado.

O índice Dow Jones US Banks regista cinco trimestres seguidos de ganhos, com destaque para o disparo de quase 30% dos últimos três meses de 2016, motivado



principalmente pela eleição de Donald Trump, que prometeu estimular a economia através de investimento em infraestruturas, cortar os impostos e, crucialmente para a banca, menos regulação em Wall Street.

O otimismo em relação à banca americana também contagiou os títulos na Europa, com o principal índice setorial a apresentar uma valorização acumulada de mais de 45%. Além desse contágio transatlântico, a banca europeia está a beneficiar ainda dos esforços para solucionar alguns casos problemáticos, como o do Monte dei Paschi em Itália e o do Banco Popular em Espanha.

Esse movimento de estabilização também está em curso em Portugal, através do aumento de capital da Caixa Geral de Depósitos, o processo de venda do Novo Banco

ao Lone Star e, com impacto direto no PSI 20, o aumento de capital do Millennium BCP que transformou o banco novamente num peso-pesado do índice em termos de capitalização e ajudou as ações a subirem 33,5% este ano.

Se os fundos de equities têm apresentado subidas significativas nas rendibilidades, os que investem em *fixed income* têm, de forma geral, permanecido estáveis ou com variações ligeiras, uma tendência visível tanto nos que investem em obrigações da zona euro, obrigações indexadas ao euro ou *bonds* internacionais.

Além da natureza mais previsível deste tipo de fundos, que têm níveis de risco mais reduzidos, a explicação reside também no momento de expectativa que se vive em relação às políticas monetárias, com os mercados a aguardarem as

Se os fundos de equities têm apresentado subidas significativas nas rendibilidades, os que investem em fixed income têm, de forma geral, permanecido estáveis ou com variações ligeiras



Brendan McDermid/Reuters

decisões dos bancos centrais sobre as taxas de juro e alterações aos estímulos, nomeadamente aos programas de compra de ativos.

Volumes recuperam

Após uma queda de 7% no ano passado, o volume total sob gestão nos fundos nacionais já recuperou 7,15% nos primeiros seis meses de 2017 para os 11.894 milhões de euros no final de junho, segundo os dados da APFIPP. O total abrange 13 entidade gestoras e 167 fundos.

No que se refere à distribuição em termos dos vários tipos de ativos, os dados da CMVM mostram que mais de um quarto do investimento (quase 3 mil milhões de euros) estava, no final de junho, alocado a obrigações estrangeiras, 8,6% em cotadas no exterior, e 1,5% em empresas na Bolsa de Lisboa.

A APFIPP demonstra ainda que

Após uma descida no ano passado, o volume total sob gestão nos fundos nacionais já recuperou 7,15% nos primeiros seis meses de 2017

por tipo de fundos são os de Curto Prazo Euro que se destacam, com uma quota de perto de 25%, seguidos dos Fundos Plano Poupança Reforma e dos Fundo Multi-Ativos Defensivos, ambos com cerca de 15%.

Ainda em termos de volume, o mercado nacional de fundo é dominado por duas gestoras. O BPI gere 3,62 mil milhões de euros (uma quota 30,43%). A subida de cerca de 565 milhões em relação ao final do ano passado permitiu ultrapassar o Caixagest, que a 30 de junho geria ativos de 3,52 mil milhões, uma quota de quase 30%.

Num segundo pelotão estão o Santander Asset Management, que gere 1,74 mil milhões de euros, e a IM Gestão de Ativos, que representa fundos no valor de 1,67 mil milhões, ambos com quota de mercado de cerca de 15%. ●

OPINIÃO

Onde e como investir?



FILIPA ANDRÉ

Direção de Clientes de Patrimónios da Caixagest

Numa conjuntura em que as aplicações tradicionais oferecem um retorno próximo de zero e em que os cidadãos são crescentemente responsabilizados pelo planeamento da sua reforma, é frequente os investidores perguntarem “que alternativas tenho para aplicar o meu dinheiro?”.

Baixamos a sua expectativa: neste artigo, não irá obter conselhos que lhe proporcionem rendibilidades muito elevadas num curto espaço de tempo e sem risco. A razão é muito simples: esta é uma receita que não existe!

Qualquer estratégia de investimento deve começar por um planeamento financeiro adequado. Procure desde logo perceber o seu perfil de investidor (mais prudente ou mais arrojado?), o qual depende de fatores como a composição atual do património financeiro, o rendimento, a idade, a aversão ao risco e os objetivos. Depois, há princípios simples que pode seguir para construir o seu portefólio de investimentos. Indicamos-lhe de seguida alguns dos principais.

1. Diversifique: “não colocar todos os ovos no mesmo cesto” é um dos mais intemporais lemas a seguir no que toca a aplicar poupanças. A eficácia resulta da constatação de que investir em ativos cujo preço não evolui sempre no mesmo sentido e amplitude é a melhor forma de reduzir o risco. Devemos procurar ter uma carteira que possua diferentes tipos de produtos (depósitos, depósitos estruturados, seguros, fundos de investimento), diversificação por emittentes e classes de ativos (ações, obrigações, matérias-primas, imobiliário), preferencialmente exposta a diferentes regiões geográficas e setores de atividade.

2. Assegure a preservação de liquidez: na construção de património financeiro deverá manter sempre uma determinada verba disponível de forma imediata (“almofada de segurança”) com o objetivo de ser utilizada em caso de uma emergência (desemprego ou doença prolongada, etc). O montante poderá variar, existindo estudos que indicam que deverá rondar o equivalente a cerca de dois anos de salários.

3. Defina o horizonte temporal: a tendência mais natural é preferir manter todo o investimento em prazos mais curtos. Contudo, esta pode não se revelar a solução mais acertada. De facto, “o tempo é amigo de rendibilidades superiores”. O investimento em ações, que requer horizontes temporais mais alargados, tem revelado ser a opção mais rentável a longo prazo: o retorno médio anualizado a nível global, ajustado pela inflação, no período 1900-2016, foi de 5,1%, o que compara com 1,8% para as obrigações.

4. Avalie os riscos envolvidos: por muito que custe a aceitar, não existem ativos financeiros sem risco. A dimensão e características dos riscos associados é que pode ser diferenciada nas suas variantes (mercado, crédito, cambial, liquidez, fiscal, política e de conflito de interesses). Consciencialize-se de que para satisfazer a necessidade de concretizar um maior retorno nos seus investimentos terá de incorrer em mais risco.

5. Peça o apoio de um especialista na análise do seu património: é normal que não se sinta capacitado para fazer sozinho a avaliação do seu perfil de investidor, bem como a escolha e acompanhamento das soluções de investimento mais adequadas aos seus objetivos e perfil de risco. Perante a crescente complexidade dos produtos e a elevada dinâmica dos mercados financeiros, o apoio de um especialista poderá ser útil para compreender melhor os produtos disponíveis e perspetivar a evolução futura dos mercados. Este apoio não será apenas de considerar na constituição da carteira, mas também na monitorização subsequente das soluções de investimento escolhidas. ●

Schroders

Fundada em 1804, a Schroders é uma gestora de activos independente e especializada, com um forte legado e cultura baseados em mais de 200 anos de experiência nos mercados de investimento. Cotada no Reino Unido, tem um balanço sólido e uma estrutura accionista estável, o que lhe permite centrar-se totalmente na produção de resultados para os seus clientes. Com 486 mil milhões de euros em fundos sob gestão e uma rede internacional de 41 escritórios, em 27 países, a Schroders tem a experiência e a competência para identificar os investimentos de maior potencial onde quer que estes se encontrem. Os nossos 717 profissionais de investimento estão baseados em todo o mundo. Estes especialistas internos contribuem com o seu conhecimento local e ideias de investimento para a nossa rede global de pesquisa. Com recursos internos substanciais, dispomos de um leque variado de produtos tradicionais de acções e de obrigações, bem como de um conjunto de fundos alternativos e multiativos, disponibilizando mais de 593 fundos a nível global, 167 dos quais são fundos de investimento domiciliados no Luxemburgo.

Dados a 31 de Dezembro 2016

As rendibilidades dos fundos estrela são para a classe B Acc a 31 de maio 2017. O presente documento tem fins meramente informativos, não devendo ser interpretado como uma recomendação de investimento. A aquisição das acções deverá ser efectuada de acordo com o Prospecto. Para obter mais informações, consulte as Informações Fundamentais destinadas aos Investidores, o Prospecto e os Relatórios Anual e Semestral, que podem ser obtidos gratuitamente junto da sociedade gestora Schroder Investment Management (Luxembourg) S.A. através da internet (www.schroders.pt) ou junto das entidades comercializadoras locais autorizadas. Publicado pela Schroder Investment Management Limited registada na Comissão do Mercado de Valores Mobiliários (CMVM) em Livre Prestação de Serviços e com Sucursal em Espanha, registada na Comisión Nacional del Mercado de Valores (CNMV) de Empresas de Serviços de Investimento do Espaço Económico Europeu com sucursal em Espanha com o número 6.

EQUIPA



CARLA BERGARECHE
Diretora Geral



MARIO PIRES
Diretor de Clientes Institucionais e do Mercado Português

CONTACTOS

Schroder Investment Management Limited - Sucursal em Espanha

Rua Pinar 7, 4º andar
28006 Madrid
ESPAÑA

Telefone +34 91 590 9541
Fax +34 91 590 9571

www.schroders.pt

PRINCIPAIS FUNDOS REGISTRADOS PARA VENDA EM PORTUGAL

	Moeda	Rend. a 12 meses (%) ¹	Rend. a 36 meses (%) ¹	Risco ²
SISF Asian Convertible Bond	USD	4,67 %	5,58 %	4
SISF Asian Equity Yield	USD	16,73 %	8,42 %	5
SISF Asian Opportunities	USD	29,58 %	25,61 %	5
SISF China Opportunities	USD	31,47 %	35,39 %	6
SISF Emerg. Markets Debt Absolute Return	USD	5,51 %	-0,43 %	4
SISF Emerging Asia	USD	33,51 %	28,57 %	6
SISF Emerging Europe	EUR	24,28 %	15,90 %	6
SISF Emerging Markets	USD	27,91 %	4,44 %	6
SISF Euro Bond	EUR	-0,02 %	6,99 %	3
SISF Euro Corporate Bond	EUR	4,64 %	11,92 %	3
SISF Euro Credit Absolute Return**	EUR	3,96 %	n.a.	5
SISF Euro Equity	EUR	16,94 %	28,92 %	6
SISF EURO Government Bond	EUR	-1,11 %	8,40 %	3
SISF Euro High Yield**	EUR	10,30 %	18,80 %	3
SISF Euro Short Term Bond	EUR	-0,28 %	0,56 %	2
SISF European Alpha Absolute Return	EUR	-1,36 %	9,15 %	5
SISF European Alpha Focus**	EUR	26,26 %	24,64 %	6
SISF European Dividend Maximiser	EUR	7,60 %	4,38 %	5
SISF European Equity Absolute Return	EUR	-2,47 %	2,27 %	5
SISF European Opportunities	EUR	7,98 %	15,18 %	6
SISF European Smaller Companies	EUR	19,59 %	33,06 %	6
SISF Frontier Markets Equity	USD	23,78 %	-8,12 %	5
SISF Global Emerging Markets Opportunities	USD	27,81 %	4,24 %	7
SISF Global Bond	USD	0,81 %	-3,00 %	3
SISF Global Cities Real State	USD	1,67 %	4,54 %	5
SISF Global Convertible Bond	USD	7,82 %	8,93 %	4
SISF Global Corporate Bond	USD	4,65 %	7,53 %	3
SISF Global Dividend Maximiser	USD	13,65 %	5,36 %	5
SISF Global Energy	USD	-3,66 %	-56,89 %	7
SISF Global Gold	USD	n.a.	n.a.	7
SISF Global High Income Bond**	USD	15,23 %	9,32 %	4
SISF Global High Yield	USD	11,47 %	10,84 %	4
SISF Global Inflation Linked Bond	EUR	5,22 %	9,61 %	4
SISF Global Multi-Asset Balanced	EUR	2,22 %	0,08 %	4
SISF Global Multi-Asset Conservative***	EUR	0,56 %	0,87 %	3
SISF Global Multi-Asset Flexible	USD	3,79 %	4,64 %	4
SISF Global Multi-Asset Income	USD	6,69 %	-0,01 %	4
SISF Global Unconstrained Bond**	USD	4,76 %	8,11 %	5
SISF Greater China	USD	33,64 %	33,55 %	6
SISF Indian Equity	USD	21,89 %	30,99 %	6
SISF Japanese Opportunities**	JPY	18,79 %	43,75 %	6
SISF QEP Global Absolute**	USD	0,96 %	-1,71 %	5
SISF QEP Global Active Value	USD	14,19 %	4,10 %	5
SISF Strategic Bond	USD	3,02 %	-0,14 %	5
SISF Strategic Credit	EUR	4,37 %	7,66 %	4
SISF UK Equity	GBP	22,26 %	22,83 %	5
SISF US Dollar Bond	USD	2,17 %	3,43 %	3
SISF US Large Cap	USD	13,74 %	22,42 %	5
SISF US Small & Mid	USD	14,11 %	31,43 %	5
SISF Wealth Preservation	EUR	-0,28 %	-0,90 %	6

Fonte: 1Schroders 2Categoria de risco de acordo com KIID
As rendibilidades dos fundos são para a classe B, dados a 31 de maio 2017
**A rendibilidade do fundo é para a classe A Acc, dados a 31 de maio 2017
*** A rendibilidade do fundo é para a classe A1 Acc, dados a 31 de maio 2017

FUNDOS ESTRELA SCHRODER ISF* EURO EQUITY

Categoria
Ações

Gestor do Fundo
Martin Skanberg

Descrição
O Schroder ISF* EURO Equity investe em acções de países que participam na União Económica e Monetária (UEM). O fundo visa identificar oportunidades com preços inadequados através de pesquisa e análise abrangentes, adotando uma abordagem flexível num leque de condições de mercado

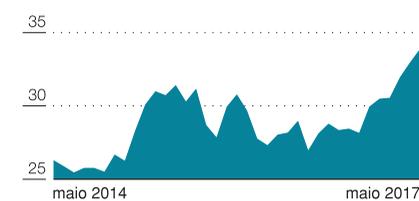
Porquê investir?

- Aceder a um fundo com uma classificação elevada e um track record de desempenho forte, que oferece uma rendibilidade líder do mercado¹
- Aproveitar a recuperação da zona euro, numa altura em que os indicadores de atividade e a confiança estão a melhorar
- Ganhar exposição às oportunidades de longo prazo de empresas europeias subvalorizadas com um 'catalisador para mudar'
- Aceder a um fundo que aproveita as anomalias do mercado e as diferentes condições de mercado com uma abordagem flexível e sem enviesamento
- Beneficiar da competência de um Gestor de Carteira com grande experiência, de uma forte equipa de especialistas do setor e dos recursos globais da Schroders.

¹Fonte: Schroders. Em 31 de Maio de 2017 o fundo registou um desempenho no primeiro quartil a 3 e 5 anos. O seu grupo é Equity; Euroland universe.

EVOLUÇÃO DAS COTAÇÕES

Valores em euros



COMPOSIÇÃO DA CARTEIRA

Setor	Peso
Materiais	17,07 %
Finanças	16,40 %
Indústria	15,75 %
Bens de Consumo	13,47 %
Saúde	11,02 %
Tecnologias da Informação	10,74 %
Consumo Corrente	4,84 %
Serviços de Telecomunicações	3,60 %
Serviços Públicos	2,97 %
Energia	1,53 %
Propriedade Imobiliária	1,19 %
Ativos Líquidos	1,42 %

FICHA DO FUNDO (31 MAIO 2017)

Rendibilidade dos últimos 12 meses: 16,9%
Valor dos ativos sobre gestão: 4,425.5 milhões de euros
Montante mínimo de investimento: 1.000 euros
Comissão de gestão: 1,50%
Rating Morningstar: ****

*Schroder International Selection Fund é referido como "Schroder ISF" neste documento.

FUNDOS ESTRELA SCHRODER ISF EMERGING MARKETS

Categoria
Ações

Gestores do Fundo
Tom Wilson, Robert Davy

Descrição

O Schroder ISF Emerging Markets oferece aos investidores acesso a algumas das economias mais dinâmicas e de crescimento mais rápido do mundo. Os mercados emergentes oferecem uma oportunidade significativa de obter retornos dos prémios, em parte com base no seu potencial de crescimento a longo prazo relativamente aos mercados desenvolvidos. O fundo visa superar o MSCI Emerging Markets Index (Net TR) em +3,5% p.a. (líquido de comissões) durante períodos renováveis de 3 anos¹.

Porquê investir?

- O investimento em mercados emergentes proporciona exposição a algumas das economias de crescimento mais rápido do mundo, sendo os mercados emergentes atualmente responsáveis por mais de 70% do crescimento global
- As vantagens competitivas variam de país para país mas incluem fatores demográficos atrativos, riqueza em recursos naturais e custos de mão-de-obra baixos. A implementação de reformas em alguns países também deverá suportar o crescimento
- Os fundamentos económicos dos mercados emergentes são tipicamente robustos e geralmente mais fortes que os do mundo desenvolvido

– Os investidores deverão beneficiar das bolsas dos mercados emergentes representarem cada vez mais as suas fortes economias subjacentes.

¹Isto é um objetivo e não é garantido

EVOLUÇÃO DAS COTAÇÕES

Valores em dólares



COMPOSIÇÃO DA CARTEIRA

Setor	Peso
Tecnologias da Informação	30,82 %
Finanças	24,95 %
Bens de Consumo	9,16 %
Energia	7,29 %
Consumo Corrente	6,66 %
Serviços de Telecomunicações	5,77 %
Materiais	5,55 %
Indústria	3,97 %
Não classificado	1,95 %
Propriedade Imobiliária	1,06 %
Serviços Públicos	0,69 %
Saúde	0,26 %
Ativos Líquidos	1,87 %

FICHA DO FUNDO (31 MAIO 2017)

Rendibilidade dos últimos 12 meses: 27,9%
Valor dos ativos sobre gestão: 3.518.0 milhões de dólares
Montante mínimo de investimento: 1.000 euros
Comissão de gestão: 1,50%
Rating Morningstar: ****

FUNDOS ESTRELA

SCHRODER ISF GLOBAL CITIES REAL ESTATE

Categoria
Ações

Gestores do Fundo
Tom Walker, Hugo Machín

Descrição

O Schroder ISF Global Cities Real Estate visa proporcionar retornos compostos a longo prazo através do investimento em empresas que são proprietárias do melhor imobiliário nas "Global Cities". O que são Global Cities?

Global Cities são locais onde as pessoas querem viver, trabalhar e relaxar. As suas principais características são: infraestruturas fortes; economias diversas; mão-de-obra qualificada; e qualidade de vida e de cultura. Investir em imobiliário dentro destas cidades oferece exposição a um leque diverso de setores e acesso a economias que se espera que superem as médias nacionais.

Porquê investir?

- O imobiliário tem capacidade para proporcionar retornos atrativos no longo prazo e apresenta uma correlação baixa com outras classes de ativos, o que o torna um valioso diversificador para uma carteira equilibrada

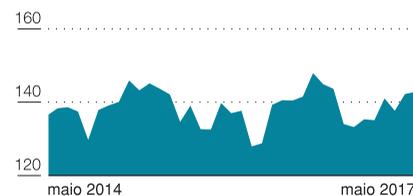
- O fundo oferece exposição global e imediata ao imobiliário com a liquidez de um fundo de investimento mobiliário e menores custos de transação em comparação com o investimento direto em ativos imobiliários físicos.

- Acesso ao imobiliário nas principais cidades do mundo onde a oferta é limitada,

dado o forte poder de fixação de preços - Proteção contra a inflação através de dividend yields: as vendas oferecem potencial de reversão e geralmente sobem em sintonia com a inflação.

EVOLUÇÃO DAS COTAÇÕES

Valores em dólares



COMPOSIÇÃO DA CARTEIRA

Setor	Peso
Fundos de Investimento Imobiliário	79,06 %
Invest. & Serviços Imobiliários	18,84 %
Serviços de software & computer	1,38 %
Ativos Líquidos	0,72 %

FICHA DO FUNDO (31 MAIO 2017)

Rendibilidade dos últimos 12 meses:	1.7%
Valor dos ativos sobre gestão:	247.6 milhões de dólares
Montante mínimo de investimento:	1.000 euros
Comissão de gestão:	1,50%
Rating Morningstar:	**

FUNDOS ESTRELA

SCHRODER ISF EURO HIGH YIELD

Categoria
Obrigações

Gestor do Fundo
Konstantin Leidman

Descrição

O Schroder ISF EURO High Yield visa gerar retorno do capital e rendimento através de uma carteira que é principalmente composta por obrigações high yield (de alto rendimento) denominadas em euros.

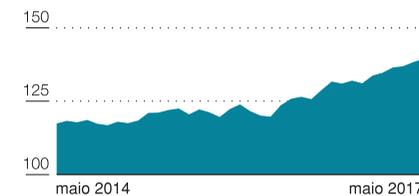
Porquê investir?

- Visa oferecer um rendimento regular e estável bem como crescimento do capital
- As obrigações high yield oferecem perspectivas de retornos fortes mesmo num contexto de crescimento lento
- Tem uma sensibilidade baixa às taxas de juro, o que significa que o fundo é capaz de gerar retornos caso as taxas subam
- Orgulha-se de ter um track record de desempenho forte através de um leque de condições de mercado¹

¹Em 31 de Dezembro de 2016, o fundo teve um desempenho no primeiro quartil desde o seu lançamento (14 de Novembro de 2012). O seu grupo é o Morningstar EEA OE EUR High Yield Bond. O ranking no quartil é baseado na classe de ações A Acc

EVOLUÇÃO DAS COTAÇÕES

Valores em euros



COMPOSIÇÃO DA CARTEIRA

Setor	Peso
Indústria	55,22 %
Finanças	26,24 %
Serviço público	2,45 %
Governo Estrangeiro & Quase	2,45 %
Emissões Estatais	1,36 %
Securitizado	1,03 %
Produtos Derivados	0,71 %
Equivalentes de Caixa	0,38 %
Liquidez	10,17 %

FICHA DO FUNDO (31 MAIO 2017)

Rendibilidade dos últimos 12 meses:	9.7%
Valor dos ativos sobre gestão:	859.8 milhões de euros
Montante mínimo de investimento:	1.000 euros
Comissão de gestão:	1,00%

FUNDOS ESTRELA

SCHRODER ISF EUROPEAN ALPHA ABSOLUTE RETURN

Categoria
Ações

Gestor do Fundo
Lionel Rayon

Descrição

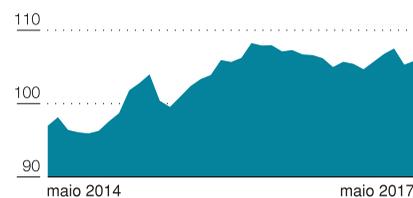
O Schroder ISF European Alpha Absolute Return investe em empresas europeias de média dimensão (tipicamente acima de 2 mil milhões de euros) mas pode igualmente ganhar exposição através de empresas de maior dimensão. O fundo visa proporcionar retornos absolutos consistentes durante um período de 3 anos em todas as condições de mercado, com a subida e descida dos preços das ações.

Porquê investir?

- Baixa correlação com os mercados acionistas alcançada através de uma abordagem definida e disciplinada à seleção de títulos
- Abordagem bottom-up (ascendente) clara ao investimento com um nível elevado de concentração (15 a 30 posições), tanto longas como curtas
- Equipa dotada de recursos adequados e experiente
- Abordagem ao investimento robusta e aplicada de forma consistente.

EVOLUÇÃO DAS COTAÇÕES

Valores em euros



COMPOSIÇÃO DA CARTEIRA

Setor	Peso
Materiais	5,57 %
Bens de consumo	25,37 %
Serviços de Consumo	8,52 %
Finanças	7,64 %
Saúde	2,00 %
Indústria	12,95 %
Petróleo & Gás	2,53 %
Tecnologia	21,60 %
Telecomunicações	1,80 %

FICHA DO FUNDO (31 MAIO 2017)

Rendibilidade dos últimos 12 meses:	-1.4%
Valor dos ativos sobre gestão:	1,303.6 milhões de euros
Montante mínimo de investimento:	1.000 euros
Comissão de gestão:	2,00%

FUNDOS ESTRELA

SCHRODER ISF EMERGING MARKETS DEBT ABSOLUTE RETURN

Categoria
Obrigações

Gestor do Fundo
Abdallah Guezour

Descrição

O Schroder ISF Emerging Markets Debt Absolute Return investe em obrigações locais e externas bem como em moedas de alguns dos países mais dinâmicos e de crescimento mais rápido do mundo. O fundo tem gestão ativa e visa alcançar retornos positivos em cada período de 12 meses e ao mesmo tempo maximizar os retornos¹. A dívida de mercados emergentes (DME) tem um potencial significativo de crescimento uma vez que os investimentos tendem a oferecer retornos mais elevados que as obrigações dos mercados desenvolvidos. A DME é também alvo de menor pesquisa que os mercados desenvolvidos e os seus preços são muitas vezes inadequados, permitindo aos gestores ativos aproveitar para acrescentar um valor considerável.

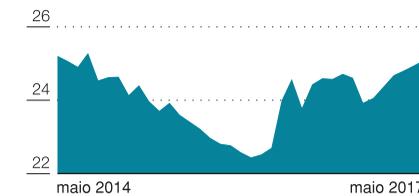
Porquê investir?

- O fundo visa oferecer retornos positivos independentemente das condições de mercado
- Adota uma abordagem sem limitações - o fundo pode investir onde existirem as oportunidades mais atrativas de todo o universo da DME não sendo limitado por qualquer índice
- Vantagens de diversificação - historicamente o fundo tem mostrado uma baixa correlação com as outras classes de ativos bem como com as obrigações tradicionais, proporcionando potencial para melhorar os retornos e diminuir a volatilidade da sua carteira global.

¹Isto é um objetivo e não é garantido

EVOLUÇÃO DAS COTAÇÕES

Valores em dólares



COMPOSIÇÃO DA CARTEIRA

Setor	Peso
Dívida local	82,25 %
Obrigações do Tesouro USA	7,31 %
Dívida externa	5,20 %
Liquidez	5,24 %

FICHA DO FUNDO (31 MAIO 2017)

Rendibilidade dos últimos 12 meses:	5.5%
Valor dos ativos sobre gestão:	4,308.0 milhões de dólares
Montante mínimo de investimento:	1.000 euros
Comissão de gestão:	1,50%
Rating Morningstar:	**



Cristina Bernardo

FUNDOS IMOBILIÁRIOS

Europa, serviços e comércio dominam as atenções

O valor dos imóveis sob gestão subiu em junho, mas muitos fundos fechados registaram perdas.

SHRIKESH LAXMIDAS E
LEONOR MATEUS FERREIRA
slaxmidas@jornaleconomico.pt

O investimento em imobiliário tem centrado atenções nos mercados de ativos em Portugal nos últimos anos, com o aumento do turismo e a crescente procura por espaços de escritórios e comerciais. Esta realidade reflete-se também nos fundos de investimento imobiliário portugueses focados não só em imóveis nacionais, mas também internacionais, como mostram os dados da Comissão do Mercado de Valores Mobiliários (CMVM).

Em junho, o valor sob gestão dos fundos de investimento imobiliário (FII), dos fundos especiais de investimento imobiliário (FEII) e dos fundos de gestão de património imobiliário (FUNGEPI) atingiu 10.690,7 milhões de euros, mais 107,8 milhões (1,02%) do que em maio.

A subida não é, no entanto, generalizada. O regulador explica que o montante investido recuou 0,1% no caso dos fundos de investimento imobiliário, para 7.645,2 milhões de euros. Por outro lado, nos FEII e nos FUNGEPI, respetivamente, 4,6% para 2.540,0 milhões, e 0,1% para 505,5 milhões.

Entre os 229 fundos existentes em Portugal em junho, nenhum investiu em ativos fora da União Europeia.

Quanto à finalidade dos imóveis detidos, a maior parte (46,6%) da carteira dos FII e FEII foram aplicados no setor dos serviços, enquanto os investimentos dos FUNGEPI destinaram-se sobretudo ao setor do comércio (41,9% do total), adianta a CMVM. Em todos os tipos de fundos, as construções acabadas formam o maior destino dos investimentos sob gestão, com terrenos em segundo lugar.

Na tabela de valores sob gestão, a Interfundos lidera tanto no número de fundos (39), como na quota de mercado (14%). Com 18 fundos, a Norfin tem 12,6% de *share*, seguida da Fundger, que tem 20 fundos e 9,5% de quota de mercado.

Segundo os analistas, os fundos de investimento imobiliário oferecem um ponto intermédio entre o risco associado a ações e a seguran-

ça, embora com menos retorno, dos fundos de Tesouraria e de dívida pública.

No entanto, há uma distinção clara entre as rendibilidades dos fundos abertos (cuja subscrição e resgate podem ser feitos em qualquer altura e têm portanto um número de unidades de participação variável) e dos fechados (cujo número de unidades de participação é fixo, a subscrição é feita no momento de emissões e o resgate à data da liquidação).

A rendibilidade anualizada de cinco dos seis fundos abertos de rendimento era positiva no final de junho (entre os 2,5% e os 4,17%), de acordo com os números da Associação Portuguesa de Fundos de Investimento, Pensões e Património (APFIPP). A exceção era o fundo NB Património, que teve um retorno negativo de 2,53%. Nos fundos abertos de acumulação, a rendibilidade dos quatro produtos era positivo, entre 1,36% e 3,13%.

O cenário é mais sombrio nos fundos fechados, em parte devido ao facto de estes terem passado a estar sujeitos ao pagamento, na totalidade, do Imposto Municipal sobre Imóveis (IMI) e ao Imposto Municipal sobre Transações Onerosas de Imóveis (IMT) em 2010. Dos 12 fundos desta tipologia, sete tinham rendibilidades negativas no final de junho. ●

PSI 20 NOS FUNDOS

Ano positivo do BCP reflete-se nas opções dos fundos em Lisboa

A Sonae rivaliza com o banco liderado por Nuno Amado nas escolhas dos fundos, enquanto o investimento na EDP Renováveis foi o que mais caiu.

SHRIKESH LAXMIDAS E
LEONOR MATEUS FERREIRA
slaxmidas@jornaleconomico.pt

As cotadas portuguesas são pouco significativas no montante global dos investimentos dos fundos nacionais. Do total de quase 12 mil milhões de euros alocados em junho, apenas 180 milhões foram para ações que negociam na bolsa de Lisboa, de acordo com dados da Comissão do Mercado de Valores Mobiliários (CMVM).

Esse valor compara desfavoravelmente com os 511,7 milhões em ações na União Europeia e dos 516 milhões investidos fora do bloco. Entre este último, são as empresas norte-americanas que dominam a tabela.

Em Lisboa, dez empresas do índice de referência PSI 20 englobam 71,3% do investimento, enquanto os restantes 28,7% estão alocados em empresas do PSI Geral.

A preferida dos fundos de investimento é o BCP, com 19,2 milhões de euros, em junho. No entanto, o valor caiu 2,6% face ao mês anterior. O banco liderado por Nuno Amado tem estado em destaque este ano no mercado. O aumento de capital efetuado no

primeiro trimestre do ano veio dar estabilidade ao banco, permitindo pagar os últimos *Coco's* ao Estado e o reforço da participação do principal acionista, a chinesa Fosun. O título tem reagido de forma positiva também devido ao otimismo do setor da banca na Europa e já valorizou em bolsa um terço este ano.

Com uma subida mensal de 15%, a Sonae SGPS rivaliza agora com o BCP como destino preferido dos fundos nacionais e angaria já 18,6 milhões, ou seja, 10,3% do total investido. A retalhista tem beneficiado da retoma económica, nomeadamente do aumento do consumo e contabiliza uma subida de mais de 12% na cotação em 2017.

A fechar o pódio está a Navigator com uma quota de 8,2%, ou seja, 14,8 milhões de euros, relegando alguns dos pesos-pesados do PSI 20 para meio da tabela. A petrolífera Galp tem um *share* de 14,1%, a retalhista Jerónimo Martins 11,3% e a telecom NOS 10,9%.

A eólica EDP Renováveis registou a maior queda mensal em junho, descendo 25,1% para 8,6 milhões de euros. A empresa está sob uma oferta pública de aquisição da casa-mãe EDP - Energias de Portugal, o que deverá reduzir signifi-

cativamente o *free float* no mercado ou até mesmo significar a retirada do título da bolsa.

O investimento dos fundos nacionais em ações da União Europeia é diversificado, quer em termos geográficos, quer em termos setoriais. A alemã Siemens, a empresa francesa de artigos de luxo LVMH e a petrolífera britânica e holandesa Royal Dutch Shell são as preferidas, mas cada uma representa uma quota próxima de 3%.

Entre as escolhas setoriais, estão representados a eletrónica, a engenharia, a banca e o retalho de moda.

Em Wall Street, os nomes que compõe a tabela são *blue chips*. A gigante de produtos de consumo Johnson & Johnson acolhe 20,5 milhões de euros dos fundos portugueses (4% do total), enquanto as tecnológicas Apple, Microsoft e Google totalizam mais de 50 milhões de euros.

Fora de Portugal, o valor investido em junho pelos fundos em ações desceu em quase todas as cotadas, numa altura em que os preços estão em máximos históricos, algo que pode levar os gestores a aproveitarem o *rally* para realizarem mais-valias para os seus clientes. ●

Entre os 229 fundos imobiliários em Portugal em junho, nenhum investiu em ativos fora da União Europeia

BIG

BANCO DE INVESTIMENTO GLOBAL

A BiG Asset Management desenvolve toda a sua actividade focando-se, em todos os momentos, no dever holístico das suas funções e responsabilidades para com o cliente.

O nosso propósito não se limita à obtenção de rendimentos financeiros para quem investe conosco; preocupamo-nos sobretudo em ajudar todos os investidores a investir melhor. Por essa razão detemos uma equipa de gestão multidisciplinar que mantém uma estabilidade e coesão importantes no desenvolvimento da sua actividade. Concentramo-nos igualmente em áreas onde o nosso expertise pode criar maior valor para os nossos investidores, desenvolvendo a nossa actividade em vários segmentos de Gestão Discricionária que abrangem uma diversidade

de mandatos e perfis de Investimento.

Toda a actividade de Gestão e Advisory de Investimento aporta dinâmicas de alocação e selecção de activos bem como uma componente de gestão de risco que estão contempladas no resultado de cada decisão e de cada opinião formulada.

A Independência enquanto gestores permite-nos interagir com todos os agentes do mercado sem quaisquer condicionais, como confirmam as alocações de activos que realizamos e que partilhamos periodicamente com os nossos investidores. O estreito relacionamento que promovemos junto dos nossos clientes é um vector fundamental na validação contínua da adequabilidade de cada mandato de investimento.

EQUIPA



Rui Broega
Director de Asset Management
do Banco de Investimento Global

CONTACTOS

Banco de Investimento Global, SA
Av. 24 de Julho, 74-76
1200-869 Lisboa

Telef. 210 330 5300

Para obter mais informações, visite
www.big.pt

TAXA PLUS

O Fundo BiG PPR Taxa Plus implementa uma estratégia de investimento em obrigações que procura alcançar, de forma consistente, uma interessante combinação entre retorno e risco incorrido em diferentes enquadramentos de mercado.

A equipa de gestão promove a preservação de capital através de uma carteira de activos exposta a riscos relacionados com o investimento em activos de taxa juro. A política de investimento é orientada para a estabilidade do retorno de médio e longo prazo, através de uma adequada diversificação de riscos e de uma política de investimento moderada em títulos de rendimento fixo (obrigações/fundos de obrigações).

A estratégia de investimento pretende não depender da correlação com os principais índices de obrigações, não tendo para o efeito um benchmark formalizado. Tal permite à gestão poder usufruir de uma maior amplitude de activos elegíveis no universo de investimento em obrigações.

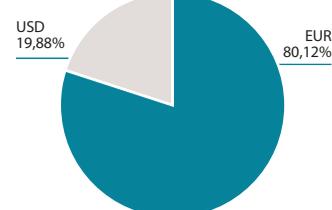
EVOLUÇÃO DA RENDIBILIDADE

Valores em %



EXPOSIÇÃO POR MOEDA

Valores em %



PERFORMANCE

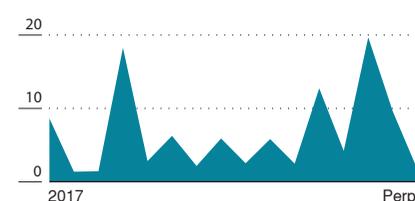
No mês de Junho a carteira do PPR BIG FUTURO TAXA PLUS encerrou o período francamente inalterado, num enquadramento negativo ao nível dos índices agregados de obrigações.

COMO ESTAMOS INVESTIDOS

No final do período, a carteira do PPR BIG FUTURO TAXA PLUS estava com uma posição superior a 6% em liquidez, marginalmente acima do registado no período anterior. A carteira apresenta uma yield to maturity média de 3,63%, um cupão médio de 3,46% e uma duração média de 11,18. Em termos cambiais, a carteira detém uma exposição de 80% a Euros e 20% a Dólares. No final do período cerca de 28% da carteira concentra-se em maturida-

EXPOSIÇÃO POR MATURIDADE

Valores em %



des abaixo dos 10 anos. No que diz respeito à qualidade creditícia, cerca de 22% da carteira está investida em Investment Grade e 44% em High Yield. A nível sectorial, destacamos o facto de cerca de 68% da carteira estar alocada a dívida soberana, estando o remanescente dividido por 9 sectores.

CARTEIRA DO FUNDO TAXA PLUS

TÍTULO	PESO
PGB 5.125 15/10/2024	16,60%
PGB 4.10% 15/02/45	16,39%
BTPS 2.7% 01/03/2047	11,83%
MAGEL 4 A	8,66%
REFER 4.047 16/11/26	6,16%
DEPOSITOS ORDEM	5,90%
PGB 4.1% 15/04/37	5,56%
SPGB 2.90 31/10/46	5,42%
CAMFER 5.7 05/02/30	3,03%
PGB 2.875% 15/10/25	2,75%

EXPOSIÇÃO POR GEOGRAFIA

TÍTULO	PESO
Brazil	1,17%
Italy	18,64%
Mexico	1,17%
Portugal	66,33%
Slovenia	2,34%
Spain	8,98%
United States	1,36%

EXPOSIÇÃO POR SECTOR

TÍTULO	PESO
Agency	3,84%
Banking	1,62%
Building Products	1,30%
Financial - Other	10,05%
Information/Data Technology	0,68%
Official and Muni	2,39%
Railroads	5,93%
Sovereign	65,11%
MBS	9,08%

ALPHA

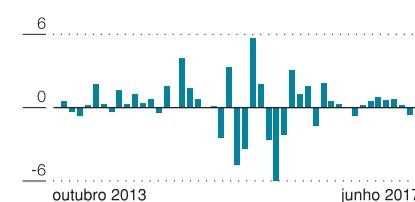
O Fundo BiG PPR Acções ALPHA implementa uma estratégia de gestão multi-activo que alia vectores de alocação de activos com a selecção de Alpha dos gestores das melhores gestoras mundiais.

A equipa de gestão potencia a preservação de capital através de uma estratégia de fundos de investimento diversificada que pretende beneficiar de uma vasta selecção de prémios de risco, procurando identificar segmentos de investimento mais desequilibrados no binómio retorno-risco.

A estratégia pressupõe a todo o momento a manutenção de vectores de investimento muito diferenciados e diversificados por forma a que os riscos de drawdown (relacionados com fontes isoladas de Alpha e risco do gestor) sejam minimizados.

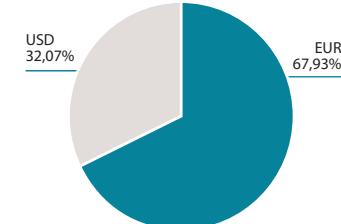
EVOLUÇÃO DA RENDIBILIDADE

Valores em %



EXPOSIÇÃO POR MOEDA

Valores em %



PERFORMANCE

O PPR BIG ACÇÕES ALPHA registou um recuo de 0,8% no mês findo.

Num período francamente menos positivo, realce para a performance do fundo Legg Mason Western Asset Macro Opportunities Bond e ainda do fundo Pictet Agora que registaram ganhos relevantes no mês findo, impedindo um registo inferior da carteira.

COMO ESTAMOS INVESTIDOS

Em termos de classes de activos, no final do mês de Junho, os segmentos de dívida e de acções representavam 37% e 19% respectivamente, com a alocação a activos alternativos, estratégias mistas e Speciality a registarem uma ponderação de cerca de 37%, tendo a rubrica de cash avançado para cerca de 6,5%. Ao nível geográfico a alocação privilegia estratégias que invistam na esfera global, 65%, seguida numa proporção de 30% de estratégias que invistam no bloco europeu (com exposição a Europa, Zona Euro e Periferia). A alocação a Japão e Ásia representa o remanescente.

Em termos de exposição cambial, cerca de 29% da carteira estava alocada a fundos de investimento denominados em dólares.

EXPOSIÇÃO POR SEGMENTO GESTÃO

TÍTULO	PESO
Absolute Return EUR Medium	6,24%
Alternative Equity Market Neutral	4,76%
Bond Emerging Markets Global HC	4,33%
Bond Emerging Markets Global LC	2,28%
Bond EUR Long Term	3,23%
Bond Global	9,63%
Bond Global USD Hedged	3,78%
Cash	4,11%
Equity Asia Pacific ex Japan	2,01%
Equity Europe	4,48%
Equity Japan	3,12%
Mixed Asset EUR Flex - Global	8,07%
Mixed Asset USD Flex - Global	3,54%
Mortgage Backed Securities	4,32%
Alternative Long/Short Equity Global	1,90%
Alternative Global Macro	5,46%
Alternative Long/Short Equity Europe	6,88%
Alternative Multi Strategies	10,68%
Loan Participation Funds	6,26%
Alternative Other	3,05%

EXPOSIÇÃO POR CLASSE ACTIVO

TÍTULO	PESO
Equity	9,60%
Bond	36,94%
Cash	4,11%
Alternatives	34,62%
Mixed Assets	14,72%

CARTEIRA DO FUNDO ALPHA

TÍTULO	PESO
DEPOSITOS ORDEM	9,86%
LFIS VIS PREMIA-I II	7,14%
INV GLB SEN LOAN-M \$	6,29%
LM WA Macro OPPOR BD	5,46%
FLX-MULTI OBR-B CAP	5,12%
Pictet TR Agora IEUR	4,71%
Mirabaud-Glb St Bond	4,51%
Blackrock STR EUR Op	4,39%
SYCOMORE L/S OPPORT	4,24%
Ruffer Sicav-TR Inte	4,03%

EXPOSIÇÃO POR GEOGRAFIA

TÍTULO	PESO
Global	58,60%
Portugal	8,44%
EuroZone	9,40%
Europe	11,83%
Japan	3,12%
Asia (ex-Japan)	2,01%
Global Emerging Markets	6,61%

ENTREVISTA RUI BROEGA, Diretor de Gestão de Ativos do BiG - Banco de Investimento Global

Tesouraria e ações: as pontas de um mundo de taxas baixas

O ambiente de taxas de juros em mínimos históricos obrigou a uma recomposição dos ativos, explica Rui Broega, diretor de gestão de ativos do BiG. O investidor português procura segurança, mas o momento acelerado das bolsas também é aliciante.

LEONOR MATEUS FERREIRA

lmferreira@jornaleconomico.pt

Como correu o primeiro semestre para os fundos?

A indústria como um todo usufruiu do ânimo dos investidores e toda a gente foi tomadora de risco nestes últimos meses, muito impulsionado pelo que viam do lado das ações. Também pelo facto de haver um nível de taxas de juros muito reduzido, que potenciam um retorno esperado menor e que quase forçou a criação de alternativas para a alocação dos portfólios. Isto notou-se não só em Portugal, mas pelo mundo inteiro.

Chegamos a um momento em que os mercados de ações estão em máximos novamente, os níveis de taxas de juros estão em mínimos e há, na minha opinião, um estado de complacência significativo. O que se verifica pelos níveis de volatilidade muito baixos em quase todos os segmentos. Quando os níveis de volatilidade estão tão baixos como estão neste momento é indicador que o posicionamento está muito concentrado e que provavelmente as pessoas estão a comprar quase indiscretamente.

Onde é que os investidores nacionais estão a apostar?

Se formos analisar com mais finura os dados vemos que muitos dos volumes captados por fundos de investimentos foram em perfis muito conservadores, os fundos de Tesouraria. Tesouraria e ações são duas pontas do risco, completamente opostas. Um é super conservador e o outro, em teoria, o mais arriscado que existe.

No meio estão as obrigações, que de repente é o ativo que ninguém quer porque ficou caro com as taxas de juro em níveis baixos e houve quase uma deslocalização para as duas pontas. Parece-me que de repente toda a gente ficou com medo de não participar no rally das ações, mas é como nos navios: se de repente toda a gente for para o mesmo lado do navio, os pesos ficam descompensados e pode vir uma onda não tão grande e fazer virar o barco.



Tiago Oliveira/BiG

“

As poupanças dos portugueses não estão a ser devidamente cuidadas por culpa dos próprios, que estão habituados a esta ilusão que o melhor e mais seguro é ter um depósito a prazo”

Qual é o perfil do investidor nacional?

O perfil do investidor nacional é comprovadamente conservador, tanto assim é que em todas as estatísticas que possamos consultar a nível nacional vemos facilmente que cerca de 60% do aforro está concentrado em equivalentes a depósitos a prazo, o que deixa uma fatia menor para investimento com risco. Provavelmente é menos informado e por isso também mais conservador, o que gera um desafio enorme que tem de começar por uma educação.

É tão mais importante que essa educação seja feita e absorvida rapidamente porque os sistemas de segurança social não vivem os seus melhores momentos. As gerações que agora são classe trabalhadora e

que pagam imensos impostos provavelmente vão ter grandes dificuldades de ter um nível de rendimento suficiente para sobrevivência. Já nem digo para manter o nível de vida atual. Isto se se mantiver a situação como está, como é óbvio.

A falta de informação está a limitar o retorno?

Dizemos facilmente que o depósito a prazo é seguro, mas em termos reais perde valor. Se há um aforro é para uma necessidade futura. Quanto maior for o espaço temporal, menor valor terá um euro hoje em dia. Há coisas que o investidor português não entende. Isto é quase um vetor comportamental. O que o nosso cérebro interpreta é a segurança e segurança

é um depósito a prazo, mas este vetor comportamental tem um impacto financeiro tremendo no património.

Tenho a certeza absoluta que a maioria das poupanças dos portugueses não está a ser devidamente cuidada por culpa dos próprios clientes, que estão habituados a esta ilusão que o melhor e mais seguro é ter um depósito a prazo. Mas estes depósitos pagam zero, enquanto a inflação continua a ser superior a 1%, o que retira poder de compra e valor no consumo futuro, a cada ano que passa.

Este posicionamento do investidor português cria um bloqueio muito difícil transpor. Vamos ver qual será a preocupação que os *millennials*, uma população mais jovem e mais informada, têm com o consumo futuro.

E quanto ao investimento internacional em Portugal?

Poucos investidores internacionais investem em Portugal porque temos pouca dimensão para o investidor institucional estrangeiro. Se falarmos ao nível das ações, diria que três ou quatro títulos podem ser elegíveis, com algumas restrições pelo vetor da liquidez.

Se falarmos em obrigações, há pouquíssimos ativos. A dívida soberana assegura alguma liquidez, se bem que uma das suas principais funções e impactos dos bancos centrais neste momento, tem sido estancar liquidez no mercado. É muito mais difícil e custoso transacionar obrigações hoje em dia e também temos de atribuir isso à dinâmica e ao posicionamento que os bancos centrais têm tido.

Portugal não é, infelizmente, um país que tenha liquidez suficiente para uma dimensão de investimento internacional significativa porque simplesmente qualquer bloco que queira ser construído num título português tem de ser escrutinado muito bem e com muito critério. Se houver um *ticket* muito grande a vir para o mercado, obviamente que vai influenciar o preço. É difícil com este enquadramento de mercado o ativo português ser muito procurado pelo investidor internacional. ●



A Caixagest - Técnicas de Gestão de Fundos, S.A., actua no mercado português há 27 anos, é a sociedade do Grupo Caixa Geral de Depósitos especializada na gestão de fundos de investimento mobiliário, no aconselhamento e na gestão de carteiras de clientes institucionais e particulares. A Caixagest beneficia da experiência, know how e cultura de gestão do Grupo CGD na área financeira, partilhando dos seus valores de Confiança, Segurança, Solidez Financeira, Sustentabilidade e Responsabilidade.

A Inovação é outro dos pilares do Grupo responsável pelo lançamento, em maio de 1986, do primeiro fundo de investimento em Portugal. Desde a sua fundação, a Caixagest tem primado pela constante preocupação de idealizar novos produtos e soluções de investimento, à medida das necessidades e objetivos dos seus clientes, num espectro abrangente de ativos, geografias e canais de distribuição visando sempre a otimização do binómio risco/retorno em todos os mandatos que gere. Nos últimos anos, a Caixagest tem reforçado a sua oferta na vertente de Wealth Management, contando com equipas de especialistas dedicados ao aconselhamento patrimonial, em parceria com a CGD. Já em 2017, lançou o primeiro fundo de investimento mobiliário com cariz de responsabilidade social em Portugal – Caixagest Investimento Socialmente Responsável.

Este percurso tem tido o reconhecimento dos investidores e aforradores, alicerçado num volume de ativos sob gestão de 25,5 mil milhões de euros, sendo líder de mercado no segmento de gestão de patrimónios. Em 2017, a Caixagest recebeu os prémios Morningstar* de melhor sociedade gestora portuguesa de Obrigações, e o fundo Caixagest Obrigações Longo Prazo recebeu também o prémio de Melhor Fundo Nacional de Obrigações Euro. No ano em curso, a Caixagest foi igualmente reconhecida pela APFIPP, tendo o Caixagest Ações Líderes Globais recebido o prémio de Melhor Fundo na categoria de Outros Fundos de Ações Internacionais, com base no seu retorno ajustado por risco nos últimos 3 anos.

* A Morningstar é um dos líderes globais no fornecimento de pesquisa independente sobre investimentos, cobrindo cerca de 500.000 produtos (com destaque para os fundos de investimento), estando presente em 27 países. Morningstar Awards 2017, Morningstar, Inc. Todos os direitos reservados.

**As rendibilidades divulgadas representam dados passados, não constituindo garantia de rendibilidade futura. O valor das unidades de participação pode aumentar ou diminuir. O nível de risco é classificado de acordo com a classe de risco que varia entre 1 (baixo risco) e 7 (elevado risco). O investimento no Fundo pode implicar a perda do capital investido, pois não há capital garantido. Os valores divulgados excluem as comissões de resgate eventualmente devidas.

Nos casos com rentabilidades de períodos superiores a 1 ano, a rentabilidade só seria obtida se o investimento fosse efetuado durante a totalidade do período.

Os prospets/informações fundamentais destinadas aos investidores e regulamentos de gestão encontram-se disponíveis nos locais e meios de comercialização e nos sites www.caixagest.pt e www.cgd.pt, e em www.cmvm.pt.

Resgates definitivos estão sujeitos às condições de comercialização de cada Fundo.

Até 30 de junho de 2015, os valores das unidades de participação utilizadas no cálculo já se encontram deduzidos do imposto devido, enquanto, após 1 de julho de 2015, esses valores são brutos do imposto sobre o rendimento que é devido pelos Participantes no momento do resgate. Assim, os resultados apresentados não têm em consideração o imposto que seja eventualmente devido pelos Participantes relativamente aos rendimentos auferidos no período após 1 de julho de 2015.

O valor diário da Unidade Participação é divulgado todos os dias úteis nas agências da Caixa Geral de Depósitos, no serviço de banca telefónica Caixadirecta, no serviço Caixadirecta on-line (www.cgd.pt), no sítio www.caixagest.pt e através do sistema de difusão da informação da CMVM (www.cmvm.pt).

Sociedade Gestora: Caixagest - Técnicas de Gestão de Fundos. Banco Depositário e Entidade Comercializadora: Caixa Geral de Depósitos.

PRINCIPAIS FUNDOS REGISTRADOS EM PORTUGAL

Designação do Fundo	últimos 12 meses 14/07/2016		últimos 60 meses 14/07/2012	
	Rend.	Nível de Risco	Rend.	Nível de Risco
F.I.M. Caixagest Liquidez*	0,00	1	0,03	1
F.I.M. Caixagest Obrigações	1,58	1	3,51	2
F.I.M. Caixagest Obrigações Longo Prazo	-3,56	3	4,09	3
F.I.M. Caixagest Obrigações Mais	1,56	2	2,78	2
F.I.M. Caixagest Accções Portugal	21,56	5	9,38	6
F.I.M. Caixagest Accções Europa	18,03	5	8,57	6
F.I.M. Caixagest Accções EUA	15,31	5	12,29	5
F.I.M. Caixagest Accções Emergentes	17,83	5	3,99	6
F.I.M. Caixagest Accções Japão	12,42	5	7,80	6
F.I.M. Caixagest Accções Oriente	8,20	5	2,84	6
F.I.M. Caixagest Ações Líderes Globais	10,53	4	n.e.	n.e.
F.I.M. Caixagest PPA	21,32	5	10,54	6
F.I.M. Caixagest Seleção Global Moderado	4,29	3	3,62	3
F.I.M. Caixagest Seleção Global Defensivo	0,85	3	n.e.	n.e.
F.I.M. Caixagest Seleção Global Dinâmico	7,71	4	2,33	4
F.I.M. Caixagest Oportunidades - F.I.A.	1,66	2	3,91	3
F.I.M. Postal Capitalização	-0,13	1	1,14	2

* - O Fundo Caixagest Liquidez incorporou por fusão o Fundo Caixa Fundo Monetário – FIA
Fonte: APFIPP (Associação Portuguesa de Fundos de investimento Pensões e Patrimónios), dados a 14 de julho 2017

F.I.M – Fundos de Investimento Mobiliário

CONTACTOS

Caixagest – Técnicas de Gestão de Fundos, S.A.

Morada

Av. João XXI, 63
1000-300 Lisboa
Tel.: 217 905 457

E-mail: caixagest@cgd.pt
Site: www.caixagest.pt

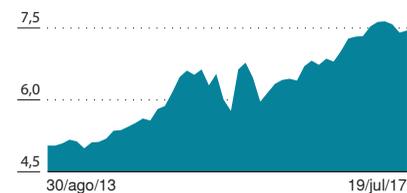
CAIXAGEST AÇÕES LÍDERES GLOBAIS FUNDO DE INVESTIMENTO MOBILIÁRIO ABERTO DE AÇÕES

Lançado em agosto de 2013, o Caixagest Ações Líderes Globais rapidamente se tornou o fundo com maior* património entre os fundos de ações geridos em Portugal. O seu sucesso está alicerçado numa ideia de investimento simples e diferenciadora: encontrar as multinacionais líderes nos seus segmentos de negócio. As 25 empresas em que o fundo investe caracterizam-se por terem marcas valiosas e com elevado reconhecimento, um historial longo e consistente nas várias fases do ciclo económico, margens de rentabilidade elevadas e uma estrutura financeira sólida. A carteira do fundo está diversificada em termos geográficos, apresentando uma maior alocação aos setores de bens de consumo e tecnologia, que representam em conjunto cerca de 68% dos ativos. A sua rentabilidade anualizada desde o lançamento (30-8-2013) foi de 10,66%, para um ISRR (Indicador Sintético de Risco e Remuneração) de 5 (1- Baixo Risco; 7- Elevado Risco).

*fonte APFIPP a 30/06/2017

EVOLUÇÃO DA UNIDADE DE PARTICIPAÇÃO

Valores em euros



FICHA DO FUNDO

Ativos sob gestão a 30/06/2017: 275 milhões de euros
Subscrição inicial: €100
Subscrições subsequentes:
Preço de uma unidade de participação
Comissão de gestão: 1,65%
Comissão de depósito: 0,10%
Comissão de subscrição: 0%
Comissão de resgate:
1,5% para investimentos inferiores a 365 dias
Rendibilidade de 30-06-16 a 30-06-17: 12,91%
Nível de risco para o mesmo período: 4
Data de lançamento: 31/08/2013

AÇÕES LÍDERES GLOBAIS COMPOSIÇÃO POR SETORES A 30/06/2017

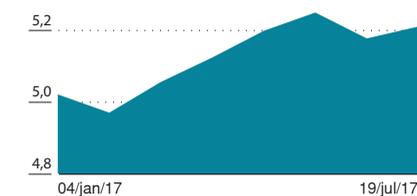
Setor	peso
Tecnologias de Informação	33,70
Alimentar	20,00
Bens de Consumo	15,46
Saúde	7,74
Bens Industriais	7,39
Materiais	6,99
Energia	6,61
Liquidez	2,11

CAIXAGEST INVESTIMENTO SOCIALMENTE RESPONSÁVEL FUNDO DE INVESTIMENTO MOBILIÁRIO ABERTO

O Caixagest Investimento Socialmente Responsável foi o primeiro fundo disponibilizado em Portugal cuja estratégia de investimento se baseia na seleção de empresas com práticas reconhecidas de Negócio Responsável. O seu lançamento, em janeiro de 2017, foi impulsionado pela cada vez maior consciencialização dos consumidores para o impacto ambiental, social e económico das suas decisões de investimento. O fundo privilegia as empresas que apresentam as melhores práticas em áreas como responsabilidade social, a sustentabilidade ambiental e a governação corporativa. Pelo contrário, não investe em empresas cuja atividade esteja significativamente associada a setores com impacto social ou ambiental negativo, como o jogo, o tabaco, o armamento ou a energia nuclear. O fundo investe em ações (com um limite máximo de 40%) e em obrigações.

EVOLUÇÃO DA UNIDADE DE PARTICIPAÇÃO

Valores em euros



FICHA DO FUNDO

Ativos sob gestão: 6 milhões de euros
Subscrição inicial: €100
Subscrições subsequentes:
Preço de uma unidade de participação
Comissão de gestão: 1,25%
Comissão de depósito: 0,1%
Comissão de subscrição: 0%
Comissão de resgate: 1% para investimentos inferiores a 89 dias; 0,5% para investimentos entre 90 e 179 dias; 0% para investimentos superiores a 180 dias
Data de lançamento: 03/01/2017

INVEST. SOCIALMENTE RESPONSÁVEL COMPOSIÇÃO POR TIPO DE ATIVO A 30/06/2017

Ativo	peso
Obrigações Taxa Fixa	63,82
Ações	33,35
Obrigações Taxa Variável	1,71
Liquidez	1,12

ENTREVISTA NELSON RÊGO, Administrador da Prime Yield

Fundos imobiliários abertos concorrem com depósitos

Os investidores nacionais continuam conservadores, mas vêm no imobiliário uma alternativa segura de retorno em relação a outros ativos. No entanto, são os estrangeiros que dão robustez à procura, segundo o administrador da Prime Yield.

LEONOR MATEUS FERREIRA
lmferreira@jornaleconomico.pt

Como é que avalia o primeiro semestre para o investimento imobiliário?

O que se verifica é uma certa estabilização dos fundos sob gestão. Os fundos imobiliários fechados deixaram de ter o protagonismo que tinham no passado porque basicamente os produtores imobiliários, ou os participantes, encontravam neste veículo uma forma de fazer o desenvolvimento imobiliário desde o zero e com poupanças fiscais significativas.

A partir do momento em que deixou de existir uma vantagem fiscal evidente para esses processos de produção imobiliária que foram desenvolvidos nesse veículo de fundos de investimento imobiliário fechado, claramente que deixou de ser uma opção. Aqueles que existem ainda é, em parte, devido a dificuldades de resolução dos processos de crédito que estão pendentes, fruto da aceleração que houve na produção imobiliária.

A minha opinião é que os fundos de investimento imobiliário fechado estão com problemas de financiamento. Outros estão neste momento, em função das oportunidades que existem no mercado, a fazer desenvolvimentos pontuais e casuísticos.

E os fundos abertos?

Do lado dos fundos de investimento imobiliário abertos, o que se verifica é que depois de uma forte afluência aos resgates no pico da crise, entre 2009 e 2011, as pessoas voltaram a acreditar neste tipo de investimento. Com a baixa das taxas de juro, os fundos abertos (com uma gestão criteriosa) conseguem ser uma alternativa muito válida a um depósito a prazo.

Neste momento, existem sociedades gestoras que gerem fundos que conseguem levantar anualmente montantes muito interessantes para aplicar em investimentos em imobiliário, que gerem rendimento. Há vários exemplos de transações este ano, nomeadamente o Edifício Entreposto dos Olivais ou

edifícios na Rua José Malhoa que revelam que este mercado do investimento em imobiliário (para rendimento periódico) tornou-se muito atrativo, uma vez que uma *yield* de 5% a 7%, significa dar retorno aos participantes em torno de 3%.

Para mim, a tendência tem sido esta: por um lado, os fundos fechados que deixaram de ser uma opção do ponto de vista da produção imobiliária por questões fiscais e, por outro, os fundos abertos que passam a ser uma alternativa evidente aos depósitos a prazo.

Está a acontecer um momento de viragem depois da crise?

Eu diria que depois do pico de resgates que houve, neste momento existe quase é um pico de subscrições. As pessoas que têm um perfil de risco um pouco mais conservador não conseguem num depósito a prazo nenhuma rentabilidade atrativa e quando olham para uma unidade de participação de um fundo de imobiliário aberto que cresça e que esteja só investido em edifícios e produtos de primeira li-

na, claro que o vêm como um refúgio para o seu dinheiro e com uma remuneração atrativa. Daí que exista uma procura superior à oferta por este tipo de produto.

Quem é que investe em imobiliário em Portugal?

O perfil do investidor nacional nos fundos imobiliários abertos é claramente um investidor particular, que olha para uma aplicação com baixo risco, mas que tenha algum retorno. Este *mix* entre risco e retorno é, sem dúvida, algo conservador. Todavia, exige alguma rentabilidade para o seu dinheiro e isto, hoje em dia, consegue-se nos fundos imobiliários abertos.

Muito do investimento institucional, sobretudo em Lisboa e no Porto, passa um pouco ao lado dos fundos imobiliários e mais por sociedades de capital de risco ou *private equities*. Estes são dos grandes concorrentes na aquisição de imóveis que geram rendimento, como o imobiliário comercial.

Os fundos de imobiliário aberto passaram a ter a concorrência do investimento direto estrangeiro que se organiza em Portugal pela via de sociedades de capital de risco ou *private equities*. Desta forma, do lado da oferta dos investimentos, há uma procura muito mais efetiva do que havia há alguns anos, em que o investimento estrangeiro nesta área era muito menor que hoje em dia.

Quem são estes investidores estrangeiros?

Essencialmente *family offices* e fundos institucionais sediados em Londres. Também de Espanha, que olham para o mercado já numa ótica ibérica.

Que fatores internacionais têm tido impacto nos fundos imobiliários?

Ainda recentemente fizemos um estudo sobre o imobiliário e reabilitação urbana em Lisboa, no qual levantámos cerca de 74 empreendimentos, e chegámos à conclusão que cerca de 60% desses empreendimentos eram detidos por investimento direto estrangeiro, ou seja sociedades que constituídas em



Foto cedida

Portugal, mas cujas *private equities* não estão sediadas em Portugal. O imobiliário, em especial em Lisboa, com características *premium*, tornou-se de certa forma atrativo para sociedades de capital de risco que procuram uma rentabilidade de 7% a 9% por ano e conseguem-no em Portugal por duas vias. Passámos a ter uma procura efetiva que não tínhamos há seis anos que é uma procura de clientes que não residiam no território nacional e passam a residir através dos *golden visa* ou pelo sistema de residentes não habituais. Estas duas componentes permitiram atrair

para Portugal durante o ano de 2016 cerca de três biliões em investimento direto no imobiliário. O mercado do imobiliário deixou de estar dependente de uma procura nacional que estava limitada à nossa capacidade produtiva.

Quais são as perspetivas para o resto do ano?

A tendência continua estável, de subida. Nada aponta que assim não seja até porque há um conjunto de compromissos já assumidos e operações já realizadas, que nos levam a acreditar que 2017 será a continuação da tendência de 2016. ●



Existe é uma procura superior à oferta por imobiliário, com o investimento de residentes não habituais a libertar o setor das limitações de capacidade de produção



ACERCA DA COLUMBIA THREADNEEDLE INVESTMENTS

A Columbia Threadneedle Investments é um grupo líder na gestão de ativos globais que, através da sua gestão ativa, oferece uma vasta gama de estratégias e de soluções para investidores particulares, institucionais e empresariais em todo o mundo.

Com uma equipa que ultrapassa 2.000 funcionários, com mais de 450 investidores profissionais de investimento sediados na América do Norte, Europa e Ásia, gerimos ativos no valor de 438.000 milhões de euros em fundos de rendimento variável, de rendimento fixo, soluções de alocação de ativos e produtos alternativos de mercados emergentes e desenvolvidos.

A nossa prioridade reside na realização de um investimento adequado para os nossos clientes. No investimento, o nosso objetivo consiste em cumprir as expectativas dos nossos clientes mediante uma abordagem centrada numa equipa, orientada para a rentabilidade e consciente dos riscos. Temos uma cultura dinâmica e interativa. Ao partilhar os nossos pontos de vista sobre as classes de ativos e as zonas geográficas, geramos perspetivas de maior valor à escala mundial, regional e local. A nossa capacidade de partilhar e de debater diferentes ideias de investimento num ambiente colaborativo enriquece os processos de investimento das nossas equipas. E, mais importante, tal deriva numa tomada de decisão mais fundamentada para os nossos clientes.

A Columbia Threadneedle Investments é a gestora de ativos globais da Ameriprise Financial, Inc. (NYSE:AMP), empresa líder em serviços financeiros sediada nos EUA. Pelo facto de pertencermos à Ameriprise, contamos com o apoio de uma grande empresa de serviços financeiros amplamente diversificada e capitalizada.

EQUIPA



Ruben García Páez
Head of Iberia & Latam
Distribution

Alberto González Méndez
Institutional Clients Director
Iberia & Latam

Carlos Moreno Espinosa
Sales Director Iberia

Greta Galdós
Sales Support Iberia

Elena Carranza Churrua
Marketing Manager & Sales
Support Iberia

CONTACTOS

Calle Rosas de Aravaca 31,
Madrid.

+34 91 1873100

Para obter mais informações, visite
columbiathreadneedle.es

OS 50 PRINCIPAIS FUNDOS REGISTRADOS EM PORTUGAL

Fundo	Moeda	1 ano	3 anos	Risco
American (US Equities)	USD	19,02	7,23	5
American Extended Alpha Fund	USD	23,06	8,42	5
American Fund	USD	20,92	7,62	5
American Select	USD	21,13	6,45	6
American Select Fund	USD	22,52	6,78	5
American Smaller Companies Fund (US)	USD	22,17	6,67	6
Asia Fund	USD	25,12	4,38	6
Asian Equity Income (fka Asia)	USD	17,52	2,16	5
China Opportunities Fund	GBP	34,79	15,48	6
Emerging Market Bond Fund	USD	6,86	2,60	5
Emerging Market Corporate Bonds	USD	6,30	3,39	3
Emerging Market Debt	USD	7,07	3,06	4
European Bond Fund	EUR	-2,69	2,13	3
European Corporate Bond Fund	EUR	0,97	2,48	3
European Fund	EUR	13,40	7,96	5
European High Yield Bond Fund	EUR	8,46	3,79	3
European Select Fund	EUR	15,15	9,16	5
European Smaller Companies Fund	EUR	24,90	15,08	5
Global Bond Fund	EUR	-8,40	3,96	4
Global Equity Income Fund	USD	13,39	2,28	5
Global Extended Alpha Fund	USD	20,33	6,59	5
Global Focus	USD	16,35	7,81	5
Global Select Fund	USD	19,92	5,93	5
Global Technology	USD	37,39	16,47	6
Greater China Equities	USD	31,20	6,43	6
High Yield Bond Fund	GBP	9,65	4,61	3
Japan Fund	JPY	31,40	7,92	6
Monthly Extra Income Fund	GBP	17,54	9,27	4
Pan European Equities	EUR	13,56	5,98	5
Pan European Equity Dividend	EUR	8,17	5,39	5
Pan European Focus Fund	EUR	9,08	5,91	5
Pan European Fund	EUR	15,70	6,89	5
Pan European Small Cap Opportunities	EUR	24,43	14,99	5
Pan European Smaller Companies Fund	EUR	24,40	12,93	5
Sterling Bond Fund	GBP	-1,43	5,80	4
Strategic Bond Fund	GBP	7,28	3,65	3
UK Corporate Bond Fund	GBP	6,97	6,23	3
UK Equities	GBP	17,49	8,54	5
UK Equity Income Fund	GBP	19,50	8,66	5
UK Extended Alpha Fund	GBP	18,17	9,88	5
UK Fund	GBP	21,15	8,95	5
UK Growth & Income Fund	GBP	20,05	9,07	5
UK Institutional Fund	GBP	20,48	7,56	5
UK Mid 250 Fund	GBP	28,50	11,39	5
UK Monthly Income Fund	GBP	13,78	7,05	5
UK Overseas Earnings Fund	GBP	19,56	9,08	5
UK Select Fund	GBP	19,34	8,84	5
UK Smaller Companies Fund	GBP	45,62	17,28	5
US Equity Income Fund	USD	16,25	6,44	5
US High Yield Bond	USD	8,42	4,00	3

O FUNDO THREADEEDLE (LUX) GLOBAL TECHNOLOGY FUND

NUM RELANCE

Um fundo de ações mundiais que investe em tecnologia e em empresas relacionadas com a tecnologia com potencial para gerar um rendimento sólido e sustentável.

RAZÕES PARA INVESTIR

- Uma carteira concentrada e orientada pela convicção:** o gestor de carteiras investe em empresas com uma avaliação atrativa e um potencial de crescimento sustentável relativamente à quais possuímos um alto grau de visão proprietária através de uma análise fundamental profunda. Procuramos explorar empresas mal compreendidas e pouco analisadas, frequentemente referidas como sendo de natureza contraditória, a fim de anteciparmos uma tendência antes de a ideia ser plenamente reconhecida pelo mercado.
- Gerida por uma equipa especializada:** Paul Wick é o gestor de carteiras mais experiente no sector da tecnologia dos EUA e recorre a uma variedade de perspetivas e de conhecimentos de uma das maiores e mais experientes equipas de tecnologia mundial do sector.
- Percurso comprovado:** A concentração no equilíbrio entre o crescimento e os conhecimentos ao nível da avaliação permitiu uma estratégia que acompanhou a evolução dos mercados, protegendo historicamente melhor o capital dos investidores do que os seus pares tecnológicos em mercados avessos ao risco.

PAUL WICK

Gestor de carteiras (desde março de 2014)

PRINCIPAIS FACTOS

Data de criação do fundo

30 de abril de 1997

Índice de referência

MSCI World – Information Technology

Grupo de comparação

GIFS Offshore – Sector Equity Technology

Dimensão do fundo (em 31.05.2017)

123 milhões de USD

EVOLUÇÃO DA RENDIBILIDADE

Valores em dólares



DESEMPENHO (12M) (EUR)*

	06-12 05-13	06-13 05-14	06-14 05-15	06-15 05-16	06-16 05-17
Classe de ações (Líquido)	10,5	20,1	28,5	-3,4	40,4
Grupo de comparação (Líquido)	16,4	19,3	12,2	-2,7	31,6
Classificação	46/51	19/51	1/51	27/50	4/54
Percentil	91%	37%	1%	54%	6%
Quartil	4	2	1	3	1
Índice (Bruto)	16,5	23,5	17,9	0,6	33,3

O FUNDO THREADNEEDLE EUROPEAN SELECT FUND

NUM RELANCE

Um fundo de ações das melhores ideias que investe em empresas de elevada qualidade com poder de fixação de preços para gerar um rendimento sólido e sustentável.

RAZÕES PARA INVESTIR

- Uma abordagem de alta convicção orientada para a seleção de ações:** Ao selecionar títulos "bottom-up", os gestores de carteiras têm flexibilidade para tomar posições significativas em países, setores e ações na construção de uma carteira das "melhores ideias" de 40-60 empresas de elevada qualidade que acreditamos terem sido pouco analisadas e estarem subavaliadas.
- Gerido por uma equipa excelente:** Os gestores de carteiras têm uma experiência significativa na gestão de carteiras em diferentes condições de mercado e podem recorrer a uma variedade de perspetivas diferentes da nossa equipa europeia multidisciplinar de ações, assim como da plataforma de investimento mais abrangente.
- Percurso de desempenho superior consistente:** O Fundo tem proporcionado rendimentos a longo prazo notáveis e acreditamos que a abordagem concentrada na construção de uma carteira de alta convicção oferece um potencial de rendimento forte e sustentável.

DAVID DUDDING

Gestor de carteiras (desde julho de 2008)

MARK NICHOLS

Gestor de carteiras (desde julho de 2016)

PRINCIPAIS FACTOS

Data de criação do fundo

31 de outubro de 1986

Índice de referência

FTSE World Europe ex-UK

Grupo de comparação

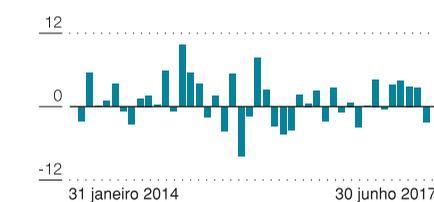
UK IA – Europe ex UK

Dimensão do fundo (em 31.05.2017)

3,5 mil milhões de GBP

EVOLUÇÃO DA RENDIBILIDADE

Valores em euros



DESEMPENHO (12M) (EUR)*

	06-12 05-13	06-13 05-14	06-14 05-15	06-15 05-16	06-16 05-17
Classe de ações (Líquido)	29,7	13,2	25,8	-8,1	13,8
Grupo de comparação (Líquido)	32,5	17,8	18,7	-10,2	16,0
Classificação	46/59	47/60	3/63	21/66	52/71
Percentil	78%	78%	4%	31%	73%
Quartil	4	4	1	2	3
Índice (Bruto)	34,6	19,2	18,5	-9,5	19,2



FUNDOS

Informação e avaliação são os segredos para investir em fundos

Desde Fundos de Tesouraria até aos de índices de ações, as escolhas são muitas e os riscos variam consoante o apetite. O primeiro passo crucial é perceber os prós e contras de um mercado complexo.

LEONOR MATEUS FERREIRA
lmferreira@jornaleconomico.pt

As possibilidades quando se quer investir poupanças são muitas e para escolher entre ativos e opções diferentes é preciso perceber as diferenças. Investir em fundos é diferente de fazer um depósito a

prazo e, como lembra a Comissão do Mercado de Valores Mobiliários (CMVM), a regra de ouro é procurar informação e avaliar prós e contras antes de tomar uma decisão.

“Um fundo de investimento é um instrumento financeiro que resulta da captação de capital junto de diversos investidores, cons-

tituindo o conjunto desses montantes um património autónomo, gerido por especialistas que o aplicam numa variedade de ativos”, explica a entidade que supervisiona fundos de investimento, a CMVM.

Isto significa que o património pertence a mais que um aforrador, que investe em ativos diver-

sos, incluindo ações, obrigações ou imóveis, dependendo do tipo de fundo. Esse património é conhecido por carteira e é gerido por uma sociedade gestora.

Tanto os fundos como as sociedades são autorizados pela CMVM, que disponibiliza informações enviadas obrigatoriamente pelos gestores e aprovadas pre-

viamente. Estes documentos oficiais servem para ajudar os investidores a tomar decisões, tendo em conta custos, riscos, políticas e objetivos.

Quem investe em fundos é conhecido como participante, que subscreve (compra) ou resgata (vende) unidades de participação, ou seja, pequenas parcelas com características iguais e sem valor nominal. O valor de cada unidade de participação ou a cotação são calculados pela entidade gestora do fundo de investimento, segundo regras pré-estabelecidas. Este corresponde à divisão do valor total do fundo pelos participantes, consoante o número de unidades emitidas.

Entre as informações disponibilizadas na página da CMVM incluem-se a constituição e rentabilidade de cada fundo, o que é determinante para conhecer o investimento que se faz. Além do regulador, existe ainda Associação Portuguesa dos Fundos de Investimento, Pensões e Patrimónios (APFIPP), que faz os seus próprios cálculos relativamente aos fundos.

Para perceber bem o universo poderá, no entanto, ser necessário

Paulo Whitaker/Reuters

algum tempo e o investidor deve sempre ter em conta que rentabilidade passada não é sinónimo de lucros futuros. Aliás, a CMVM alerta que “a rentabilidade permite aos investidores avaliarem o desempenho das poupanças aplicadas em fundos de investimento”, mas “ao contrário de outras aplicações, nos fundos de investimento não há garantia que a rentabilidade seja positiva”.

Que diferenças existem entre os tipos de fundos?

“Existem no mercado diversos tipos de fundos de investimento, que se distinguem, designadamente, pela diversificação das classes de ativos presentes nas suas carteiras”, explica a CMVM. “Os fundos de investimento mobiliários investem sobretudo em ativos como ações, obrigações ou outros valores mobiliários. Os fundos de investimento imobiliários investem sobretudo em bens imóveis”.

A denominação mais comum dos fundos é feita consoante os ativos. Os Fundos de Tesouraria focam-se em divisas e têm um risco baixo, mas a rentabilidade está associada à das taxas de juro do mercado. Não muito diferentes são os Fundos do Mercado Monetário, sendo que nestes o património tem prazos mais curtos, elevada liquidez e depósitos bancários.

Com um risco mais elevado, existem Fundos de Obrigações, cuja taxa de juro pode ser fixa ou variável, bem como Fundos de Obrigações. No caso de Fundos Mistos, incluem-se ambos os tipos de ativos anteriores. Fundos de ações ou obrigações que se focam num mercado específico são conhecidos como Fundos de Índice, enquanto os Fundos Flexíveis não se comprometem com a composição do património. Fundos de Fundos investem em unidades de participação de outros fundos e Fundos Garantidos apresentam garantias de capital e de perfil de rendimentos.

Além dos ativos que integra, os diferentes tipos de fundos são também determinados pelas características de investimento. Enquanto em fundos abertos, o aforrador tem a possibilidade de subscrever ou resgatar unidades de participação quando quiser, em fundos fechados, só é possível subscrever unidades ao longo de um período de tempo fixado previamente e resgatar unidades quando chega a data da liquidação.

Os fundos especiais de investimento são mais flexíveis que os tradicionais no que diz respeito aos limites de investimento. Os *unit linked* são contratos de seguros relacionados com fundos de investimento que se incluem numa categoria de produtos associada. ●

O investidor deve sempre ter em conta que a rentabilidade passada não é sinónimo de lucros futuros. Nos fundos de investimento não há garantia que o retorno seja positivo

QUER UMA AVALIAÇÃO



REAL,



ATUAL,



JUSTA



E CÉLERE?

Se continua a responder sim a esta pergunta, ainda não procurou a Prime Yield.

As nossas avaliações merecem a confiança dos principais fundos de investimento imobiliário em Portugal há mais de uma década.



primeyield



Prime Yield - Consultadoria e Avaliação Imobiliária

Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 75 - 7º - Fração 7.06 | Edifício Pórtico | 1070-061 Lisboa | Portugal

Tel.: +351 217 902 540 | geral@prime-yield.pt | www.prime-yield.pt

DECO - ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE DEFESA DO CONSUMIDOR

Diversificar e ajustar a carteira afasta as surpresas

Tal como no investimento direto, más decisões sobre fundos de investimento podem levar a perdas, mesmo que menores. Ainda assim, existem riscos que é necessário acautelar. A DECO alerta que o aforrador não deve concentrar as poupanças.

LEONOR MATEUS FERREIRA
lmferreira@jornaleconomico.pt

“Sempre considerámos os fundos de investimento o melhor veículo para rentabilizar poupanças a longo prazo”, diz o economista da Proteste Investe Jorge Duarte. No entanto, sublinha que os fundos têm diferenças e “há que ter um conjunto de cuidados na seleção”.

O principal risco para o aforrador é a concentração, diz, sendo que a Proteste Investe, secção da DECO - Associação para a Defesa do Consumidor sobre aconselhamento financeiro, refere que a melhor estratégia é construir uma carteira equilibrada de vários fundos com ativos diferenciados, entre ações e obrigações tanto de países desenvolvidos como emergentes e em diferentes divisas. “O aforrador não deve é concentrar todas as suas poupanças”, diz.

“A escolha não deve cair só sobre um fundo. Embora os fundos em si já tenham alguma diversificação, é importante subscrever vários, de várias categorias de ativos. É pouco prudente, na maior parte dos casos, comprar apenas um fundo mesmo que em teoria esse fundo tenha pouco risco”, explica o economista.

Existe ainda um risco de mercado associado às flutuações de preços. No caso do investimento mobiliário, os ativos que compõem as carteiras estão geralmente associados a cotações dos mercados de capitais, o que significa que o aforrador está sujeito a variações no valor e pode perder parte ou a totalidade do capital investido. Já no caso de fundos de investimento imobiliário, o capital fica sujeito a variações no mercado imobiliário, ou seja, dos preços tanto de imóveis como de arrendamentos.

“Se o investidor não está preparado para ter uma certa disciplina de longo prazo e resgata ao mínimo sinal de vacilação das bolsas ou tenta vender no máximo e comprar no mínimo, essa estratégia também não é aconselhável. Interessa é construir uma carteira diversificada e ir fazendo ajustamentos regulares, mas não fazendo mo-

dificações constantes e ao sabor do curto prazo. Porque o resultado é provável que não seja o desejável”.

Além da concentração e das flutuações de mercado, Jorge Duarte sublinha que é importante que os aforrados não considerem apenas dados sobre rentabilidade passada na escolha de investimento. “Pode haver essa tentação para quem está menos familiarizado e isso pode causar uma surpresa desagradável”. Poucos fundos apresentam garantias de capital e se carteiras de ativos com maior de risco têm maior potencial de valorização, também têm uma probabilidade registar perdas mais elevada, especialmente no curto prazo.

Uma estratégia para reduzir o risco é procurar informação, o que no caso dos fundos de investimento é simples já que é obrigatório que as sociedades gestoras enviem fichas de informação à entidade reguladora, a CMVM. “Não são produtos em que se possa dizer que há falta de informação”, explica Jorge Duarte, que acrescenta que “a questão da literacia financeira é um pouco transversal a todos os produtos”.

“Mas no caso de um investidor que tome uma má decisão de um fundo de investimento, a perda potencial acaba por ser mais reduzida que se estiver a investir tudo em ações diretamente ou em obrigações de uma empresa. Portanto, nesse aspeto uma má decisão acabará por não ser tão grave”. ●

“É pouco prudente, na maior parte dos casos, comprar apenas um fundo mesmo que, em teoria, esse fundo tenha pouco risco”, explica o economista Jorge Duarte



Paulo Whitaker/Reuters